

 <p>ESCOLA DE COMUNICAÇÃO, ARTES E DESIGN FAMECOS</p>	<h1>REVISTA FAMECOS</h1> <p>mídia, cultura e tecnologia</p> <p>Revista FAMECOS, Porto Alegre, v. 31, p. 1-15, jan.-dez. 2024 e-ISSN: 1980-3729 ISSN-L: 1415-0549</p>
<p> https://dx.doi.org/10.15448/1980-3729.2024.1.44972</p>	

SEÇÃO: JORNALISMO

A invenção de um dizer verdadeiro: testemunhos de pessoas classificadas com depressão na *Folha de S.Paulo* e no *O Globo*

The invention of a true-telling: testimonies of people classified with depression in Folha de S.Paulo and O Globo

La invención de un dicho verdadero: testimonios de personas clasificadas con depresión en Folha de S.Paulo y O Globo

Augusto Bozz¹

orcid.org/0000-0002-5723-2158
augusto_bozz@hotmail.com

João Freire Filho¹

orcid.org/0000-0003-4907-3297
joaofreirefilho@gmail.com

Recebido em: 25 jul. 2023.

Aprovado em: 31 jul. 2024.

Publicado em: 03 out. 2024.

Resumo: O testemunho é um dispositivo no qual os indivíduos são levados a atribuir valor e veracidade à sua conduta, ao seu discurso e à relação que tecem uns com os outros. Toma-se como objeto de análise para este trabalho os testemunhos de pessoas diagnosticadas com depressão publicados nos jornais *Folha de S.Paulo* e *O Globo* entre 1990 e 2005. O objetivo é compreender como essa prática tem produzido uma verdade do sujeito para que o próprio sujeito possa proferir um discurso veraz. Verificou-se que os testemunhos estudados contribuíram para a formação de um sujeito que toma os aspectos emocionais como elemento de veridicção e enunciação. Isso sugere que eles já sinalizam importantes mudanças nos modos pelos quais os sujeitos são chamados a dizer a verdade, constituindo, assim, parte do fenômeno que hoje se vê recobrir as redes sociais.

Palavras-chave: testemunho; verdade; emoções.

Abstract: Testimony is a device through which individuals are led to give meaning, value and veracity to their conduct, their speech, and the relationship they have with each other. Our object of analysis is the testimonies of people diagnosed as having depression published in the newspapers *Folha de S.Paulo* and *O Globo* between 1990 and 2005. The objective is to understand how has this practice produced a truth of the subject so that the subject himself can deliver a truthful speech. The testimonies contributed to the formation of a subject who takes his affective matter as an element of veridiction and enunciation. This suggests that they already signal changes in the ways in which subjects are called to tell the truth, thus constituting part of the phenomenon that we see covering the social networks today.

Keywords: testimony; true; emotions.

Resumen: El testimonio es un dispositivo en el que los individuos son llevados a dar valor y veracidad a su conducta, a su discurso ya la relación que tejen entre sí. Se toman como objeto de análisis para este trabajo los testimonios de personas diagnosticado con depresión publicados en los diarios *Folha de S.Paulo* y *O Globo* entre 1990 y 2005. El objetivo es comprender cómo esta práctica ha producido una verdad del sujeto para que él mismo pueda pronunciar un discurso veraz. Se constató que los testimonios estudiados contribuyeron a la formación de un sujeto que toma los aspectos emocionales como elemento de veridicción y enunciación. Esto sugiere que ya señalan cambios importantes en las formas en que los sujetos son llamados a decir la verdad, constituyendo así parte del fenómeno que hoy se ve cubriendo las redes sociales.

Palabras clave: testimonio; verdadero; emociones.



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

¹ Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

1 O espanto testemunhal²

Em julho de 2017, a editoria de saúde da revista *Veja* pediu aos "leitores que mandassem histórias da vivência com as crises de melancolia profunda" (Biernath, 2017, s/p). Seu desejo era revelar a depressão pelos olhos de quem a teve. Ao sentir que era preciso romper as amarras da ignorância, o jornalista Marcelo Monteiro detalhou várias vezes em 2016 a sua "história de luta contra a depressão" (Monteiro, 2016). Fora dos espaços editoriais dos jornais e revistas, a youtuber Lismara Moreira compartilhou, em 2018, diversos testemunhos sobre a própria depressão em seu canal *Fala Sério Lis*.³ Também nas redes sociais, a atleta Simone Bales revelou, durante as Olimpíadas de Tóquio, realizada em 2021, que sofria de depressão e desistiu de competir para cuidar de sua saúde mental, excessivamente gasta pelo "peso do mundo", como deixou claro aos seus seguidores do *Instagram*.

O apelo a ouvir narrativas de sofrimento sobre a depressão sugere coincidir, em nós, uma vontade de falar a respeito dela midiaticamente. A crença de que o testemunho na mídia tem efeitos de verdade sobre os indivíduos é acompanhada da ideia de que tais efeitos só podem ocorrer quando ensejados pela vivência do narrador. Parte dessa crença aparece na própria definição de testemunho. Dicionários comuns definem testemunho como: a) um ato discursivo, sinônimo de declaração e depoimento; b) um ato do sujeito de conhecimento, qualificando as ações das faculdades que conduzem à verdade ou o próprio modo de ser das coisas percebidas; e c) um compromisso ético entre sujeitos que faz do verdadeiro a chave de inteligibilidade desse mesmo compromisso firmado (Michaelis, 2023).

Não seria esse um privilégio antigo, já há muito conhecido e que esse apelo social poderia invocar tal qual a vítima de um litígio? A definição etimológica aponta que testemunho vem do latim *testimonium*, expressão jurídico-política

que indica tanto discursos constativos quanto uma presença do sujeito de caráter performativo (Rezende; Bianchet, 2010). A raiz se desdobra em *testatio*, que é a ação de se tomar como testemunha ou atestar algo; em *testis*, que é a testemunha espectadora; e em *testos*, que é a testemunha depoente. Vale indicar que *testis* também está ligada à palavra **tri-st-i*, uma terceira pessoa (Roberts; Pastor, 1996).

Limitando-se à perspectiva do contemporâneo sobre si, a depressão não poderia escapar ao testemunho, posto que é nessa forma discursiva, tão historicamente astuta em formular a verdade e ser aceita juridicamente, que ela estaria encerrada para libertar, enfim, o enunciador de sua dor e seu sofrimento. Parece ser "natural" que fosse nesses termos. Caso se queira espantar-se com o fato de que o testemunho existe, e com certa persistência em nossa sociedade, para qualificar o sujeito e seu discurso, então não se pode tratar o fenômeno "testemunhos midiáticos de pessoas classificadas com depressão" como uma unidade dada, homogênea e pronta, a menos que se queira dar a ele a legitimidade que só se pode ter quando se exclui o contexto de sua invenção. Se a prática testemunhal é invocada hoje tão fortemente para dizer a verdade, sobretudo, nas mídias, abrigada por encantos médicos e abjurantes, talvez seja porque foi doravante investida de suntuosos poderes socialmente em disputa.

Ao invés de buscar uma justificativa histórica para uma prática recente, o primordial é questionar a existência, em nossa época, de um bem-dizer a verdade e de um apelo que o acolhe com os privilégios de uma velha forma discursiva, tão familiar e importante. Seguimos a intuição de muitos pesquisadores (França *et al.*, 2018; Lage, 2013; Lerner; Vaz, 2017; Sacramento, 2016; Teixeira, 2016; Torres, 2019) para quem o testemunho é polissêmico, polimorfo e disperso em vários registros sociais, mas que nas últimas décadas ganhou relevância midiática (Frosh; Pinchevski, 2009). Também seguimos a intuição genealógica

² Este trabalho foi apresentado no GT de Comunicação e Cultura do 32º encontro da Compós. Nesta versão, foram acrescentadas críticas e novos desdobramentos de pesquisa.

³ MOREIRA. [S. L.: s. n.], 2018. 1 vídeo (22min48s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=R2o7bnWTDUU>. Acesso em: 29 jul. 2024.

(Vaz; Sanchotene; Santos, 2021; Vaz; Santos; Andrade, 2014) de que a história do testemunho é um campo bem espinhoso e facilmente podemos tomar os efeitos da prática testemunhal por sua causa ou os pequenos começos por repetições infundáveis.

Ao se espantar, hoje, com a presença do testemunho de pessoas classificadas com depressão na mídia como uma "força da verdade" – ou vontade de verdade (Foucault, 2014) –, fica evidente o quanto ela é uma invenção, cuja originalidade atual é impossível de captar fora do conjunto de relações que historicamente atrelou depressão e verdade de si, fora dos enlaces que permitem ao sujeito se tornar um lugar de formação do verdadeiro e poder proferir um discurso veraz na forma testemunhal na mídia. É preciso se perguntar por que essa ligação entre testemunho, mídia e verdade na história da depressão e para que ela serve? Por qual razão é o testemunho, na interação dos indivíduos entre si – complexificada pelas novas tecnologias de comunicação –, uma prática fortemente invocada para dizer a verdade sobre o próprio sofrimento mental e as "dores da alma"?

2 Genealogia do testemunho e o problema da verdade

Ao contornar sua evidência tão familiar para nós, a genealogia (Deleuze, 2018; Foucault, 2018, 2014a, 2013, 2000) do testemunho nos indica dinâmicas expressivas e polimorfismos facilmente esquecidos. O testemunho é, antes de tudo, um dispositivo que, nos mais variados contextos históricos, atrelou subjetividade a certa concepção de verdade; sua morfologia e dinâmica são respostas às urgências sociais de seu tempo. Enquanto dispositivo, o testemunho agrega certos territórios e espaços sociais, certas representações do tempo e usos da memória, dadas concepções de verdade, instituições, fundamentos religiosos, práticas de si e estratégias de ação sobre o mundo. O testemunho não é um mero "efeito de verdade" a ser manipulado por um sujeito (Charaudeau, 2013); é uma prática social intimamente ligada ao sistema de pensamento

de sua época.

O emprego da palavra "testemunho" é antigo e muito cedo associada à prática do juramento, *δικάζειν* (*dikázein* = ato de jurar). No tribunal de *Helieia* (*Ἡλιαία*), os contendores eram submetidos ao ordálio de Zeus e, como parte das regras oralizadas pelos *heliastas*, cada um podia reunir um número considerável de pessoas que juravam a inocência do acusado. As testemunhas se comprometiam com quem apoiavam e se submetiam, junto a ele, à fúria de Zeus. A sentença era dada, assim, a partir do número de testemunhas e do peso do juramento que elas davam a favor de um ou outro acusado. A memória era imprescindível no ato de jurar: a) a testemunha não podia esquecer o valor e a honra do sujeito acusado; b) para testemunhar, era preciso empenhar-se no presente quanto à evocação das regras e dos tipos de juramentos necessários ao *δικάζειν*; e c) para testemunhar era preciso uma memória dirigida ao futuro e capaz de reconhecer o momento exato da vingança de Zeus em caso de perjúrio. A Lei de Gortina, inscrito por volta do século VIII a. C., não correlacionava o testemunho à verdade, como hoje habilmente fazemos, mas a relacionou ao "não esquecimento" do valor e da honra dos envolvidos no litígio, das regras evocadas no processo e da vingança dos deuses em caso de perjúrio (Foucault, 2014b, 2013; Vernant, 2014).

Foi preciso aguardar a invenção da filosofia e da justiça penal na Grécia clássica para a palavra "testemunho" se ligar à prática do *σημειου* (*simeiou* = marca, ponto, signo) e se aproximar do sentido de "manifestar" e de "prova", de modo que o sujeito pudesse depor sobre aquilo que vira ou ouvira e estabelecer, assim, com o uso secular da memória, a "veracidade" do litígio ou da coisa dita (Detienne, 2013; Foucault, 2014b). Enquanto "evidência" e "signo", o testemunho permite uma justiça mundana que é capaz de invocar um passado a qual esse mesmo testemunho está ligado. Por volta do século IV a. C., já com o termo *Aléthea* de Parmênides instituída no e pelo diálogo, aberta, portanto, à verificação e ao confronto racional, a justiça penal grega convoca testemunhas para depor sobre os "fatos" que viram ou ouviram, de

modo a obter a veracidade do litígio. Por ter visto, e unicamente por isso, sem qualquer propósito de lembrar os feitos e a honra do litigante, não lhe prestando solidariedade, sendo-lhe isento, portanto, a testemunha carrega em si a verdade e tem com ela uma relação de justiça. Na Grécia clássica, o testemunho se tornou arma apofântica: constatação.

A partir da ideia de testemunho como desvelo, o grego legou à história três princípios (Deleuze, 2018; Foucault, 2014c) que hoje aparecem com capciosa naturalidade na palavra testemunho: a saber, a) a presença do sujeito diante do evento testemunhado (regime temporal); b) a exterioridade (regime espacial) entre o sujeito testemunhal e o evento visto e/ou ouvido; e, por fim, c) a relação entre o testemunho e o evento testemunhado (regime discursivo) estabelecida pela memória e pela linguagem. É a partir desses princípios que se organizou o vínculo entre subjetividade, discurso e verdade, ainda que ao longo da história as mudanças nos sistemas de pensamento tenham dado a esse vínculo tantas outras topografias. A partir do século XVII – passando pela modernidade e chegando aos dias atuais – o testemunho se viu cercado pelos problemas da representação e da mediação (Pierron, 2010), o que o diferencia completamente da prática testemunhal grega clássica e arcaica.

Para Locke e Leibniz, imersos na experiência da linguagem e das coisas que definem o período Clássico, a representação inerente ao testemunho era uma questão de transparente correspondência entre o evento testemunhado e o discurso testemunhal (Abbagnano, 2017; Foucault, 2016c). O testemunho não buscou, aqui, seu parentesco com o evento já transcorrido, mas buscou discernir na ordem do que ele representa a origem de sua ligação. Enquanto representação, ou seja, substituto que repete ordenadamente aquilo que foi apresentado à consciência do sujeito, o testemunho na Idade Clássica coincide a manifestação da verdade e o conhecimento do verdadeiro. Nesse momento histórico, a verdade, sem abandonar a grega constatação, abre-se à soberana análise do juízo.

O testemunho, quando benfeito, é verdadeiro, porque seu bem-dizer se encontra representado nele mesmo. Foi embebido nessa experiência que nasceram os testemunhos produzidos por físicos, geógrafos, astrônomos, médicos e viajantes (desenhos, mapas, diários, cartas, coleções e todas as formas de documentação que amontoavam as bibliotecas europeias por volta do século XVII).

Fixou-se, assim, a ideia de que o testemunho vale por aquilo que nele se apresenta, sem prejuízo da distância espacial e temporal. Através dos testemunhos que se avolumavam nos centros da Europa clássica, o mundo e sua hierarquia eram *re-presentados* ao juízo do filósofo. Foi preciso aguardar o século XIX para interrogar a tríade sujeito-verdade-discurso a partir da materialidade do testemunho e de quem o profere. A modernidade colocou, dentre tantas, a questão de saber como uma proposição mais cotidiana e basilar, por exemplo, "ontem de manhã choveu na cidade do Rio de Janeiro", ao ser declarada por alguém que lá esteve pode ter uma representação, por um lado, alicerçada pelo falante e, por outro, crível para o ouvinte; como pode uma pessoa ter acesso à "realidade" representada e vivida por outrem, posto que o discurso, em seu ser, não é transparente à realidade que representa.

Para a modernidade, a testemunha e o discurso testemunhal perderam a sua inocente opacidade. O testemunho não se volta apenas para o mundo que deseja capturar, mas também para si mesmo e para o sujeito que o enuncia. E nesse momento, ele se descobre ato: de uma linguagem que exige um método de elaboração para aos poucos dissipar os erros da percepção; de um sujeito capaz de um exercício crítico que espanta os delírios e a projeção confusa de suas sensações e seus desejos ocultos. Isso radicalizou ainda mais os princípios de exterioridade e presença na experiência do observador, desde então desposado da necessidade do referencial fundante que marcou o período clássico (Crary, 2012). A relação entre testemunho e verdade foi uma questão de disciplinarização do conhecimento, em que era preciso saber até que ponto é ordenável e justificável, para o falante e para o

ouvinte, um determinado testemunho e um determinado acesso regrado ao seu referente móvel.

Buscou-se, assim, a partir dessa vontade de verdade renovada, os fundamentos sociais, comunicacionais e psicológicos de aquisição, organização e justificação de crenças. Mas uma tal interrogação, inerente à história da filosofia (Pieron, 2010), só pode ocorrer quando se considera fundamental aos agrupamentos humanos, a partir da materialidade do testemunho, a "transmissão" dos saberes obtidos, principalmente para a resolução de problemas e as tomadas de decisões; quando se considera fundamental, sobretudo, o ser do sujeito testemunhal, se lhe subjaz a razão ou o delírio. Portanto, o "acesso" e a "transmissão" disciplinar do conhecimento, presentes na filosofia do testemunho (Audi, 2017; Filich, 2017; Sartori, 2015), se abrem ao pensamento junto ao problema da representação e da mediação posto pela modernidade.

Entretanto, assim como essa palavra passou a ter na modernidade uma ligação dominante com certa disciplina do olhar e da linguagem, concedendo acesso regrado à verdade, outras tantas maneiras de tornar o testemunho inteligível e praticável também existiram, como na produção literária, na etnografia, nos rituais e na epifania religiosa e nos meios de comunicação. O que a história do direito grego e da filosofia nos conta é que o testemunho passou a ter uma diversidade interna ligada à vontade de verdade, à necessidade de dizer o verdadeiro em dada época e de acordo com as urgências sociais.

Ao atravessar o campo midiático contemporâneo, o testemunho negocia sua vontade de verdade com as lógicas específicas da mídia (Frosh; Pinchevski, 2009): as formas de ver e dizer características dos quadros normativos da mídia, que individualizam os acontecimentos, modalizam e são sempre atravessados pelo testemunho (Bruck; Morais; Oliveira, 2019; Lage, 2013; Peres, 2017; Serelle, 2009). No "contrato midiático" analisado por Charaudeau (2013), a testemunha adquiriu no jornalismo autoridade epistêmica em virtude do contato sensorial com o fato narrado e se tornou uma estratégia discursiva. Em outras palavras,

o testemunho midiático configurou práticas e arranjos narrativos que atuam como modelos de inteligibilidade do mundo: concede a palavra veraz àqueles que, por exemplo, são vítimas de tragédias ou sofrem malezas sociais, dotando-as de agência discursiva para recontarem as tantas violências sofridas e as inseguranças do espírito. No dispositivo testemunhal midiático, a vontade de verdade se dirige com assaz interesse aos sofredores (Sacramento, 2016).

3 A experiência da depressão: discursivização de si

Tentou-se mostrar nos tópicos anteriores que o testemunho, antes de ser uma relação entre sujeitos a partir da materialidade do corpo e do discurso, é um dispositivo que faz funcionar essa relação, que a torna possível e modalizável em uma determinada época e cultura. O testemunho, enquanto dispositivo, açambarca uma vasta rede que define as condições de possibilidade para o discurso verdadeiro em um determinado momento histórico e em dado campo social. Pode-se dizer que o testemunho é um dispositivo cultural através do qual os indivíduos são levados a dar sentido, valor e veracidade à sua conduta, ao seu discurso, àquilo a que se refere ao falar, a seus deveres e, acima de tudo, à relação que tecem uns com os outros (Boltanski, 2004). Estendendo as análises de Michel Foucault sobre o exame, a confissão, a crítica e a *parresia* (2018, 2016b, 2014c, 2010b), entende-se que, em todo discurso de verdade, o sujeito precisa cumprir certas exigências, afastar-se de uma negatividade que lhe barra o acesso à verdade e colocar a si mesmo a pensar para ocupar uma função no dizer verdadeiro.

Ora, não seria o testemunho, então, um dispositivo, dentre tantos que nossa cultura oferece, que tem produzido uma verdade *do* sujeito para que o próprio sujeito possa proferir um discurso veraz? Que introduziu, com sua estrutura própria, um *jogo* determinado de verdade tanto para o sujeito quanto para o real de que ele fala? Que impôs, através desse jogo, esquemas e *estratégias de relações* entre sujeitos? Se assim for, então

o testemunho se abre para uma investigação que toma a *fabricação de verdade* como objeto e elemento de descrição; uma análise histórica que traça as maneiras pelas quais os indivíduos são chamados, uns em relação aos outros, a se constituírem como sujeitos de um discurso veraz.

Como já foi mencionado nos tópicos anteriores, poder-se-ia fazer uma história do testemunho tomando-o como objeto da ciência, da filosofia, do jornalismo, das mídias e das práticas judiciais; ver como ele foi atualizado e modificado em cada um desses respectivos campos. Toma-se, aqui, entretanto, um caminho ligeiramente diferente, aberto pelos estudos genealógicos (Vaz; Sanhotene, 2023; Vaz *et al.*, 2021). O objetivo é rastrear o jogo de verdade tanto para o sujeito quanto para o real colocado em cena pelo testemunho; como a prática testemunhal fabrica o sujeito e seu discurso. É nesse ponto que reside a singularidade dos testemunhos de pessoas classificadas com depressão.⁴

Outrora, o sujeito "de espírito triste" escapava à verdade; faltava-lhe o exame crítico de si que a patologia alienou. A melancolia, a lipemania, a loucura circular, a monomania triste, a mania-depressiva, enfim, todos esses nomes forjados pela psiquiatria do século XIX (de Esquirol, Cabanis, Pinel, Morgagni, Leuret até Kraepelin) apontavam para uma dispepsia de repercussão psicológica, afecção que age no cérebro, na sensibilidade e na inteligência. Essas patologias imprimiam à fala do sujeito nada mais do que o teatro quimérico do delírio. No artigo dedicado à melancolia na *Encyclopédie méthodique*, Pinel (1816) testemunha os tratamentos dirigidos a um alienado que se acreditava morto, a um outro que se acreditava possuir os ossos do corpo moles como cera e um último que acreditava ter cometido um crime celestial e, portanto, não havia salvação para a sua alma. O monoideísmo do melancólico não era outra coisa senão o avesso da razão e da linguagem da verdade. De fato, alguns psiquiatras chegaram a pensar que o teatro poderia desarmar

a loucura ao fazê-la perceber a si mesma como louca, desde que o médico pudesse, em sua benevolência e autoridade, fazer da ilusão um estratagema terapêutico que revelasse o erro (Starobinski, 2014).

Hoje, ainda que ativem uma série de noções sobre a interioridade do sujeito e o modo conveniente de agir sobre ela, os transtornos mentais não funcionam como interdição ao discurso, tal como na modernidade. A depressão – que, como objeto de saber, não é anterior à invenção do depressivo como campo recente de intervenção farmacológica (Rose, 2013) – recorta uma experiência psíquica que separa e diverge os sujeitos não mais em termos de razão e loucura (Bezerra Jr., 2010). No consultório médico, a fala do depressivo é queixa que revela um sofrimento a ser medicalizado. Com a invenção da depressão, definiu-se quais os aspectos afetivos do sujeito são valorizados enquanto outros são rejeitados e quais técnicas terapêuticas são capazes de aliviar o sofrimento e reintroduzir o sujeito no campo afetivo certo.

Já desposados do delírio – dos erros e das ilusões que apenas o médico era capaz de enxergar e curar –, os sujeitos classificados com depressão tomam consciência de si a partir do sofrimento psíquico. Essa mudança epistemológica e ontológica na experiência psíquica de si fez dos graus de tristeza, angústia e infelicidade as chaves de inteligibilidade sobre o que se é e sobre o modo como se deve comportar em relação à verdade e ao discurso. Em termos médicos, ela abarcou conjuntos de comportamentos que é preciso acionar na interação entre os sujeitos: acolhimento, solidariedade, empatia, compaixão (Freire Filho, 2011) e, aquilo que mais interessa, *incitação ao discurso de si* na forma testemunhal. Além disso, já não é o psiquiatra que detém a verdade da depressão, que a revela a um sujeito alienado de suas faculdades mentais, mas tornou-se apenas um intermediário no sofrimento que doravante é enunciado e atestado pelo próprio sujeito com

⁴ Empregamos a frase "pessoas classificadas com depressão" a fim de normatizar linguisticamente o "ato de ser classificado ou se classificar como", ou seja, fenômeno duplo: não podemos deixar de sublinhar que quando alguém se classifica como depressivo, tal sujeito recorre aos esquemas de avaliação da psicometria, ao sentido de "depressão" fixado no DSM e socialmente compartilhado. Logo, quando alguém vai à mídia e se diz "depressivo" já pressupõe o quadro de saber da psiquiatria que "objetiva" o depressivo.

transtorno depressivo.

Em outras palavras, os testemunhos de pessoas classificadas com depressão clareiam o processo em que o próprio sujeito coloca uma parte de si em questão para poder dizer a verdade, o momento que pensam as condições e os limites para ser um sujeito de verdade e efetuar um discurso verdadeiro no contemporâneo. Eles exprimem a experiência que o sujeito pode fazer de si mesmo e como o saber dessa experiência é organizado através do testemunho e socializado na mídia; permitem rastrear a maneira pela qual essa prática é valorizada, recomendada e imposta como estratégia de interação nos ambientes midiáticos.

Analisa-se, portanto, os testemunhos de pessoas que foram classificadas com depressão e difundidos nos jornais impressos e *online* *O Globo* e *Folha de S.Paulo* entre 1990 e 2005. Foi nesse período que a medicalização da depressão penetrou na imprensa e no Brasil (Saint Clair, 2012), abrindo a possibilidade do sujeito de objetivar e narrar incursões da vida afetiva através da linguagem própria da depressão e das práticas farmacológicas. Os dados foram coletados através do acervo *online* de ambos os jornais. Filtrou-se as inúmeras menções destacadas pelos acervos em ordem cronológica. Separou-se as notas, notícias, reportagens e outros textos jornalísticos nos quais os sujeitos com transtorno depressivo, integral ou parcialmente, falavam sobre si mesmos e examinavam a própria condição mental.

Ressalta-se que durante toda a coleta de dados utilizamos um diário de campo a fim de registrar diariamente os achados, as dúvidas, os estranhamentos, as excentricidades de todas as ordens quanto ao testemunho em si e seu lugar de manifestação nos jornais. A coleta de dados demorou dezoito meses ininterruptos. Após a coleta, produziu-se um relatório e uma análise prévia para cada jornal. O diário, o relatório e a análise foram fixados em um fichário-arquivo para facilitar a comparação dos dados.

4 Fabricando testemunhos e testemunhas

Dentro do conjunto de testemunhos coletados através do acervo *online* de ambos os jornais, destacamos aqueles que melhor expressam as formas de problematização em que o verdadeiro é objeto de reflexão por parte do sujeito, a maneira pela qual ele apreende uma parte de si como matéria principal de seu discurso veraz e como torna seu comportamento conforme a essa verdade, de tal modo que pode se afirmar como um sujeito veraz. Em nossa análise, identificamos três eixos de problematização: primeiro, a objetivação dos tipos de efeitos da depressão no corpo, efeitos que qualificam o sujeito como detentor de uma verdade que outros desconhecem; segundo, o tipo de comportamento que se deve ter em relação ao sofrimento descrito para se afirmar como um sujeito de verdade, ou seja, qual a conduta valorizada que faz desse sujeito não apenas o portador de uma verdade, mas conforme a verdade. Terceiro, a conduta em relação aos outros que faz do testemunho uma prática exemplar e faz do sujeito testemunhal detentor de um discurso veraz.

4.1 Uma imagem do sofrimento

Ainda que a depressão tenha uma causa biológica e esteja presente no corpo, ela sempre é enunciada pelas testemunhas como algo exterior ao "eu", como "um bicho se mexendo dentro da cabeça" (Bom dia [...], 1998). A depressão é uma entidade que afeta o interior da pessoa, roubando-lhe o domínio de si, como esclarece o testemunho abaixo.

[...] a depressão se instala e permanece no organismo de uma pessoa assim como cupins passam a infestar uma casa: lenta e silenciosamente. Entram pelas bordas, se imiscuem nos cantos mais recônditos e vão devorando, quieta e permanentemente, seu hospedeiro. Quando o dono da casa menos espera, eles desabrocham com todo seu vigor (Caversan, 2004, grifo nosso).

Essa separação entre sujeito e depressão marca não só a diferença com a melancolia, no qual a assincronia – condição sinestésica de paralisia

– era uma profunda experiência de tempo que dotava de uma verdade sobre o mundo o olhar do melancólico, mas acima de tudo marca a *diferença* não patológica, o fato de o sujeito não ser o *mesmo* que o deprime. Na medida em que o “eu” e o transtorno mental não se coincidem, o sujeito acometido pela depressão pode objetivá-la e descrevê-la como o que provoca o sofrimento. Entre 1990 e 2005, certos gestos persistem na descrição que o sujeito faz de si mesmo quando precisa enunciar a sua depressão: não invoca exames médicos, resultados laboratoriais, laudos periciais, entre outros; nem mesmo a fala de psiquiatras, psicanalistas ou psicólogos. Objetiva-se, tão só, emoções e sofrimento.

“A situação que ocorre na depressão é de uma *pessoa sofrendo e outra observando*. O observador assiste com horror a pessoa que sofre começar a *cogitar do suicídio*” (Styron, 1991, grifo nosso). Na distância de si em relação a si mesmo, que permite à testemunha uma apreensão do tempo como memória e como consciência biográfica, dando-lhe a capacidade de um olhar refletido, a imagem que persiste é a de seu sofrimento psíquico e o que ele descreve são as dores, as angústias, as tristezas e o profundo abalo interior que o imobiliza e o torna incapaz de viver. “Não acho que nada de positivo possa sair daí”, diz William Styron à Folha ao ser questionado sobre sua experiência com a depressão. A *clivagem* como primeiro traço da depressão é efeito e sustentação dessa dupla apreensão de si. Uma, como sujeito espantado que conhece o absurdo do próprio sofrimento interno: “Quando você está sofrendo, acha que é tão doloroso que nunca mais vai passar. Mas passou” (Depois [...], 1995). Outra, como sujeito observador que já não é o mesmo e tudo o que pode fazer é “descrever o horror da dor de quem sofre” (Styron, 1991).

Seria óbvio dizer que todo testemunho de pessoas que se designam com depressão tematiza a própria pessoa que fala, posto que a depressão, como experiência, afeta apenas quem a tem. Mas essa ligação hoje tão óbvia nem sempre foi tão óbvia assim. Nesse período entre 1990 e 2005, essa afinidade foi habituada a partir de um per-

fil-tipo de sofrimento que tem, nessa distância do sujeito em relação a si mesmo que reativa antigas noções de tempo e espaço, a marca da biografia, uma compreensão do sujeito “pessoa” como projeto e a ideia de que determinadas sensações são profundamente onerosas. Mesmo que a depressão seja uma doença impessoal, analisada por médicos como puro mecanismo biológico, sua presença afeta uma “pessoa” negativamente e são os efeitos que as testemunhas, como observadoras passivas do horror e agentes do próprio destino, invocam para descrever o sofrimento. “Ficava sentindo coisas e era muito desagradável. Fiquei catatônico, sem querer sair da cama, e tinha ataques de pânico e ansiedade” (Romanholli, 1995).

Somente nesse quadro – em que o sujeito não é mais senhor de si e se flagra como aquele que vê a própria ruína – a solidão, o isolamento, a imobilidade e a falta de apetite “vital” se tornam elementos-chave para descrever o sofrimento inominável. “Era como se eu estivesse engolindo cacos de vidro. Você se machuca por dentro e por fora. Não importa o quanto você tente” (Depois [...], 1997). O depressivo, assim, sinaliza uma série de separações: uma entre sofredores e não sofredores; outra entre sofrimento interior e exterior; e, ainda, outra entre sofrimento que imobiliza e sofrimento que não imobiliza o sujeito. As testemunhas inserem, por força da depressão, a si mesmas no pior quadro dessas separações. É a partir dessa imagem que elas falam. Não é, portanto, fora do sofrimento, nem mesmo se confundindo com ele.

Nos testemunhos estudados existe um perfil-tipo de testemunha: a do sujeito como vítima de uma dor interior incomensurável, um sofrimento terrivelmente visto e sentido. Essa imagem da testemunha como sofredora, sem dúvida alguma, tem uma longa história e correspondentes em outras searas. De todo modo, é nessa compreensão do sujeito – e não em outra! –, entendido como distância de si em relação a si mesmo, e que o abre para a vivência e a observação do próprio sofrimento, que os testemunhos se instalam; um sujeito que possui uma interioridade prenhe de

amarguras nas quais apenas ele é capaz de recordar. Disso se conclui, para as testemunhas, que o terrificante e o horrendo é irrepresentável por quem não foi drasticamente separado de si. "[...] os médicos não sabem como perguntar ao paciente o que ele está sentindo. Não entendem como se sente alguém com depressão" (Hessel; Cezimbra; Marinho, 1997).

Esta maneira de descrever o sofrimento, que rapidamente se solidifica, faz das sensações, das emoções e dos afetos do sujeito um espaço de veridicção; é somente de seu sofrimento que certas verdades podem vir à luz. "Você só tem consciência disso quando passa por dores muito graves. Ninguém sofre a tua dor" (Depois [...], 1995). A prática testemunhal funda, assim, um sujeito de sofrimento no qual a memória individual vem o auxílio da verdade.

4.2 O medo de sentir

Não se voltar para as sensações, os afetos e as emoções e não buscar nelas a matéria de seu discurso indica um erro fatal e a exclusão do testemunho. Na virada dos 90, o tema da masculinidade aparece nos testemunhos como um assunto de reflexão moral. O ideal masculino frio, objetivo, viril, revoltado à sensibilidade, forte até mesmo diante do pior sofrimento e bravamente independente, é amplamente criticado por ser nocivo às relações sociais e, sobretudo, por mascarar a verdade que as emoções revelam. Ao invés da violência masculina levar à cura ou ao esclarecimento, o que ela suscita é justamente o que pretende evitar: "Nada tinha graça. Fugia de tudo, até de minha mulher, apesar de todo apoio que recebia dela. *Eu me sentia inferiorizado*" (Tratamento [...], 1998). Na depressão, a masculinidade perpetua uma relação preconceituosa e estigmatizada consigo.

Agora imagine a seguinte situação: um homem ficou deprimido, quadro clássico e grave. Perdeu o interesse pelo trabalho, pela família, pelos amigos, por sexo, pela vida, não sai de casa, chora, sente-se ameaçado, com medo e sem razão de viver. Mas não consegue interagir com nada, fica prostrado dentro de casa. Se pensa em se matar, não tem forças para isso. Sofre, além de tudo, com o preconceito ge-

neralizado que existe em relação a esse tipo de comportamento "estranho". Sofre também porque, como todo bom deprimido, arrasta uma culpa sem fim. Dependendo da personalidade e do contexto social desse homem, procurar tratamento será um martírio à parte. Psiquiatras? Remédios de tarja preta? É o fim... (Caversan, 2004).

Essa figura do homem viril e orgulhoso, cuja brutalidade é proporcional à emancipação, é a inversão da testemunha simpática e sensível às próprias emoções e do outro. Mais do que descrever um estereótipo, posto que esse problema masculino é antigo, o que a reflexão moral nesse período faz tão vivamente é mostrar que uma determinada relação com o outro e consigo induz ao erro e agrava o sofrimento. A sensibilidade, que para o homem ereto é fraqueza, para a testemunha constitui o ponto importante de sua conduta. Por essa razão, em vários testemunhos a sensibilidade é ponto determinante das relações sociais e marca negativamente, quando ausente, as relações de poder. A prática testemunhal deixa entrever a importância de refletir sobre a natureza das relações intersubjetivas e o papel que as emoções podem ocupar como parâmetro. No testemunho abaixo, um jovem "desalinho" toma seu estado afetivo como referência de seu discurso e se contrapõe à figura dos pais, claramente ignorantes à sensibilidade que ele clama.

Tenho 19 anos e estou com depressão. Estou no segundo ano do ensino médio. Ano que vem, faço cursinho. *Meu cansaço e meu desânimo parecem infinitos e não me deixam fazer mais nada. Meus pais não me entendem.* Estou em um ponto em que mal consigo falar. Eles não me deixam procurar ajuda porque, *para eles, psicólogo e psiquiatra são só para loucos* (Bouer, 2004, grifo nosso).

Sem dúvida, o testemunho desse jovem apresenta enunciados que marcam muito mais do que uma mera queixa azeitada pelo jornal. Aparecem aí uma série de oposições significantes para a compreensão do que somos hoje: louco vs. depressivo, jovem vs. adulto, fraternidade vs. submissão. Esses enunciados assinalam que os testemunhos estudados se tornam inteligíveis e praticáveis em um regime de saber-poder que não é o da exclusão e da interdição, nem mesmo

aquele que se pretende verdadeiro por oposição às emoções, sensações e afetos. Os enunciados testemunhais estudados fazem sentido em nossa época farmacológica (Rose, 2013), tempo histórico para o qual a solução técnica do sofrimento está disponível no mercado e o papel do outro é menos interpretar a significação das dores e mais estimular a realização de si.

Na medida em que a testemunha é portadora de uma verdade em si mesma, o testemunho incita uma conduta valorizada que exprime, em seu próprio modo de ser, essa verdade e desqualifica os comportamentos que a mascararia. Como relatado no tópico anterior, o acesso à verdade não se dá por meio de um método, de um auxílio, de um exame médico ou de uma ascese. A testemunha só tem consciência de si como testemunha de uma verdade na medida em que realiza um mergulho em suas sensações e afetos, quando não tem medo de buscar em suas emoções as transformações que marcam a presença da depressão.

Sempre fui otimista, animado, acreditava que tudo dava certo no final. Mas as pessoas começaram a perceber que eu andava quieto, estranho, logo eu, que era tão alegre e conversador. Fui perdendo a vontade de trabalhar, de comer, de conversar e até de tomar banho. Cheguei a pesar 49 kg e a única ideia que vinha era o suicídio. Como moro perto do aeroporto, ficava rezando para que um avião caísse em cima da minha casa (Bom dia [...], 1998, grifo nosso).

Na distância de si em relação a si mesmo, a testemunha precisa *identificar* os pequenos traços em seu comportamento que definem a presença da depressão, o sofrimento mais agudo, a ausência de vontade que é presságio da morte. Deve entender que aquilo que sente ou sentia não era normal. Para isso é preciso voltar os olhos não só para a memória, mas também para as pequenas variações nos estados afetivos, nas singelas mudanças que indicam a despossessão e o retorno a si. A falta de sensibilidade do outro é um bom termômetro dessa busca.

Lembro a minha infância como uma época muito difícil. *Tinha um medo difuso de tudo. Tinha medo da escola, era má aluna e incapaz de cumprir atividades mínimas para a minha*

idade. [...] Ninguém desconfiava que eu pudesse ser deprimida. Culpavam-me pelos meus sentimentos e achavam que, depois que crescesse, eu melhoraria.

Quando fui diagnosticada, aos 30 anos, *tive a sensação de que havia passado minha vida usando óculos cinza com visão desfocada. Quando tirei esses óculos, foi um alívio. Divorciei-me, comecei a me engajar profissional e socialmente, escrevi um livro sobre a minha vida e consegui mudar, com sucesso, para a profissão de que gosto (Hidas, 2003, grifo nosso).*

O testemunho, portanto, não apenas atualiza a imagem do sujeito como vítima, mas produz uma ligação entre os atos e o verdadeiro, entre aquilo que diz e como diz. O testemunho é o próprio modo de ser do sujeito que se flagra como sofrendo em decorrência da depressão. O testemunho e a testemunha precisam estar em conformidade com essa incursão biográfica na vida afetiva, expressar as reviravoltas interiores do "eu". Mais do que narrar pequenas desventuras, o que importa é a maneira pela qual o sujeito busca em uma parte de si mesmo a matéria principal de seu discurso testemunhal, o modo como ele escava a verdade na minúcia de seu sofrimento e faz com que o testemunho esteja em conformidade com essa incursão. Todo testemunho, é claro, já sinaliza um assenhoramento de si como sujeito de sua própria conduta, afastando, portanto, a cisão provocada pela depressão. Mas antes disso, o testemunho só pode ser dado na medida em que o sujeito, sem medo de escavar a si mesmo, descobre-se *evento*, transformado. Somente assim a testemunha pode se constituir um sujeito veraz – já que a verdade ocupa um lugar no conjunto de sua conduta – e se ligar ao próprio ato testemunhal.

4.3 Um modelo de sujeito e de discurso veraz

Buscar na matéria das emoções a verdade de si e ser conforme a essa verdade são apenas dois traços da prática testemunhal estudada – e que, sem dúvida, possui muitos pontos comuns com a literatura de autoajuda (Freire Filho, 2011), com as práticas religiosas ligadas à epifania (Reinhardt, 2016) ou narrativas de conversão (Vaz; Sanchotene; Santos, 2021) e à ideia moderna

tão difundida de *self* psicológico (Rose, 2011). Se reconhecer como sofredor – de um determinado tipo – e buscar em si a chave de inteligibilidade desse sofrimento não faz o sujeito, por si só, ter um discurso veraz, nem mesmo a consciência da veracidade de seu ato. O discurso só se torna veraz, no entanto, a partir de um terceiro elemento que se junta aos outros dois: a relação do sujeito testemunhal com aquilo que diz e com o outro que, por definição, é alvo do testemunho. Somente essa relação produz a exata justificação para que o testemunho tenha a verdade como a figura de seu modo de ser.

O jornalista Luiz Caversan, colunista da Folha, modelo de um sujeito de discurso veraz, ofereceu algumas explicações ao relatar periodicamente a sua experiência com a depressão. Para ele, falar sobre a depressão – a que se tem e aquela que os médicos impessoalizam – permite romper estigmas e preconceitos que açambarcam as pessoas e as forçam a temer as próprias emoções. Essa ação do discurso ajuda, a um só tempo, a testemunha a organizar suas emoções e “as pessoas a entenderem e enfrentarem melhor o transtorno que aflige tanta gente” (Caversan, 2004). Testemunhar é dar prova da própria incursão na vida afetiva interior. A organização discursiva dessa incursão não produz a representação daquilo que a testemunha sente, mas, antes, ao dar vazão e apelo à sensibilidade, o testemunho gera uma abertura do outro consigo mesmo, numa espécie de desarme de perigosos grilhões.

Há no gesto testemunhal de Luiz Caversan, sem dúvida alguma, a atualização de antigas funções do discurso científico e médico: um modo de ação sobre o outro e efeitos práticos sobre a subjetividade. Todavia, o discurso testemunhal precisa ser conforme aquilo que diz; precisa ser sensível, emocional, simpático. Só assim, invocando em seu modo de ser a verdade de que fala, o testemunho pode agir sobre o outro e este, uma vez recebido o discurso, produzir novas relações afetivas intersubjetivas, como atenção emocional, apoio, solidariedade e anulação da sensação de solidão. Em todo testemunho estudado, é necessário: “[...] o amadurecimento dos *sentimentos*

que dedicamos aos outros e que generosamente deveríamos *dedicar a nós mesmos*” (CAVERSAN, 2004; grifo nosso). Do contrário, o discurso nada provocará.

Se a depressão é o que cliva, o que cinde o sujeito em dois, um observador imóvel desse outro que sofre profundamente e que é ele mesmo, o discurso na forma testemunhal, ao que parece, é o que une. A função do testemunho de desarmar os estigmas e preconceitos, gerando uma abertura do outro, não só instaura uma *identificação* das pessoas entre si, mas também tem como efeito suspender a solidão e, portanto, dirimir o sofrimento. Por esta razão que dar testemunho é oferecer um suporte e um alento.

Uma das principais características da depressão, esse mal que aflige cada vez mais pessoas, é a sensação que o indivíduo tem de que está absolutamente sozinho no mundo. Que o abismo sem fundo em que se encontra é único, e que ninguém é capaz de compreender a dimensão de seu desespero.

[...]

Por isso constitui um certo alívio para o depressivo ver-se um pouco no outro. É no mínimo um alento para que siga em frente com seu tratamento, busque força e coragem para enfrentar e superar as pequenas e grandes (Caversan, 2004).

A prática testemunhal estudada atualiza antigos princípios terapêuticos do discurso, a capacidade da linguagem, ao servir de fio condutor da alma, de desagrilhoar a verdade e, por consequência, retirar o sujeito de seu estado de crise, como ocorre na técnica da confissão, da análise e nas práticas penais (Foucault, 2018, 2016b, 2014c, 2010a, 2010b, 2010c). Mas o testemunho de Luiz Caversan, por sua vez, é que acrescenta um elemento importante e que dá a essa prática certo traço singular: tanto o sujeito quanto o discurso têm caráter públicos. Nem a função do testemunho, nem seu modo de ser, menos ainda seus efeitos teriam relação com a verdade se não passassem por esse crivo: à maneira farmacotécnica, os efeitos sobre outrem fundam a veracidade do discurso.

Após publicar em sua coluna o texto “Depressão e Carnaval”, Luiz Caversan, exemplo de discurso veraz, recebeu uma enxurrada de

comentários sobre o seu relato. Várias pessoas se *identificaram* com o que ele descreveu a respeito do estado afetivo do depressivo durante a semana de carnaval. Animado com as respostas do público, ele resolveu publicá-las, uma a uma, em um texto significativamente intitulado "A depressão de cada um". Uma moça respondeu: "*Com rara sensibilidade o sr. descreve a depressão e o depressivo... Esse processo de dor da alma, agonia, angústia, sofrimento intenso é algo indizível... Mas existe uma espécie de 'lenitivo' para essa dor: pessoas que amam as outras! O sr. é uma delas*" (Caversan, 2004, grifo nosso). Um rapaz o parabeniza:

Quero parabenizá-lo pela simplicidade e *verdade que você transmitiu* neste texto. Posso te dizer que *sofrer de depressão é isto mesmo* e que na minha opinião além de estar alerta para perceber estes sinais temos que contar com *amigos/familiares que saibam nos apoiar e ajudar neste momento e não que nos olhem desconfiados* e façam com que nos sintamos piores por estarmos nesta situação e não conseguirmos reagir (Caversan, 2004, grifo nosso).

O jornalista não fica só nos *e-mails*, nas conversas e nos comentários do público. Ele vai muito além da mera resposta ao incitar, convidar e sugerir que pessoas mandem seus relatos. No texto, ao mesmo tempo analítico e biográfico, intitulado "Depressão e suicídio", Caversan não deixa de realizar um apelo público ao pedir que pessoas compartilhem suas vivências:

Como já informei nesse espaço, estou preparando um trabalho de fôlego sobre depressão. A ideia inicial era realizar um *livro que ajudasse as pessoas a entenderem e enfrentarem melhor o transtorno que aflige tanta gente*. Agora, esse projeto evoluiu e está em processo de transformação, mas continua crescendo.

Portanto, *convido leitores que tenham conhecimento próprio ou de terceiros que enfrentam ou enfrentaram situações difíceis por conta da depressão, por favor que escrevam, que enviem depoimentos, façam sugestões, deem dicas, enfim que se disponham a compartilhar suas experiências [...]*.

Creio que a *troca de informações é fundamental na luta pela melhoria da qualidade de vida de quem enfrenta essa realidade* (Caversan, 2004, grifo nosso).

"Compartilhar experiência" é hoje um enunciado muito familiar, gasto aos nossos olhos. Já

naturalizamos essa ideia. Certamente, houve muitas maneiras das pessoas compartilharem o que elas designavam como experiência. Isso não retira o caráter espantoso de que, em pleno início do século XXI, a circulação de informações foi um problema não só para o campo tecnológico, mas também para as pessoas que enfrentam a realidade da depressão. O desejo de Carvesan de elaborar um livro com o máximo de dicas, depoimentos, sugestões e experiências oferecidas pelo público sem dúvida alguma marca a nossa época.

O dispositivo testemunhal de pessoas com depressão requer no mínimo que haja uma interação pública entre sujeitos. Requer não porque o testemunho deve se passar na imprensa, na mídia ou em qualquer meio de comunicação. Isso sem dúvidas é importante. Mas o caráter público sugere uma outra conveniência entre o sujeito e a verdade. A marca do domínio público é o avesso da depressão e cela, de uma vez por todas, o circuito que permite ao sujeito descobrir em si uma verdade, agir em função dessa verdade e se dirigir ao outro com um discurso veraz. Não há acesso à verdade sem essa interação sensível entre as pessoas com depressão que, na visibilidade que elas recebem, estendem umas às outras a solidariedade afetiva emulada pelo testemunho. Além disso, a ação discursiva sobre o outro garante ao testemunho um papel semiótico de retroalimentação: a performance do discurso liga-se à verdade.

Considerações finais

A testemunha detém um saber que a distingue em grau e qualidade; um saber-privilegio que não se dá por conquista e esforço do indivíduo em assimilar o que já se conhece, mas se dá pela experiência, única e singular. Seu saber e seu discurso são forças reveladoras baseadas no contágio emocional, força capaz de agir em virtude de sua própria eficácia, de sua capacidade de "realizar", como na farmacoterapia dos antidepressivos. Munida desse saber apreendido na experiência da dor, e uma vez retirada a máscara do silenciamento, a testemunha forja

o bem-dizer – ou seja, amar a si própria – e a estranha necessidade de levar ao próximo a sua palavra de esclarecimento e cura.

O testemunho de pessoas classificadas com depressão e presentes nos jornais *O Globo* e *Folha de S.Paulo* são significativos da formação de um esquema de sociabilidade que hoje se lança mão com naturalidade. Sugere-se que o testemunho entre os anos 1990 e 2005 já sinaliza, no interior da cultura, algumas mudanças cruciais nos modos pelos quais os sujeitos são chamados a dizer a verdade, constituindo, assim, parte do fenômeno que hoje se vê recobrir as redes sociais – estas que, sem dúvidas, levaram o testemunho ao paroxismo (Pinheiro, 2019). No decorrer dos anos 90, os testemunhos promoveram uma interação entre indivíduos a partir dos aspectos emocionais e psicológicos que bem poderia ser circunscrito apenas pelo campo da depressão, se não fosse o fato de que isso contribuiu para a formação de um sujeito que toma sua matéria afetiva como realidade analítica e objeto para a enunciação de um discurso veraz na forma do testemunho midiático.

Por um lado, os aspectos emocionais e psicológicos constituem a chave de inteligibilidade para saber quem se é e o que se pode fazer para ser um sujeito veraz. Em paralelo à invenção da depressão pela farmacopsiquiatria, esse processo favoreceu a laicização do testemunho e, por efeito, deslocou o acesso à verdade dos processos de transmissão para a descoberta de si como evento passível de testemunho. Por outro lado, a exposição de si na mídia, característica dos testemunhos estudados, deu ao discurso uma ação sobre outrem que é, ao mesmo tempo, o alvo da verdade e o lugar de veridicção do que é dito. O testemunho midiático institui um arranjo público do discurso no qual o dizer encontra terreno fértil para o contágio emocional.

É certo que outros processos sociais aqui não explorados, como a modificação nas terapias de tratamento da depressão, as modificações na estrutura do jornalismo, a presença elevada de experiências religiosas no Brasil, os interesses financeiros na exploração imaterial do sujeito, o

avanço das autobiografias e tantos outros vetores, incidem na formação dos testemunhos estudados e participam da valorização da exposição de si. Uma vez que os testemunhos estudados compõem os jornais *O Globo* e *Folha de S.Paulo*, os enquadramentos normativos de gênero, raça, etnia, além de tantos outros, como rotina produtiva e pressões institucionais, perpassam o arquivo estudado. Como já mencionado, o testemunho é um dispositivo composto por uma série de elementos e pressupostos que extravasam seu domínio de atuação, ainda que tenha nele certa especificidade.

Buscamos demonstrar, especificamente, como a prática do testemunho, inventa no campo midiático, sujeitos e discurso veraz impondo novas formas de sociabilidade e interação. Os testemunhos midiáticos de pessoas classificadas com depressão esclarecem as condições e os limites para ser um sujeito de verdade e efetuar um discurso verdadeiro no contexto contemporâneo.

Referências

- ABBAGNANO, N. Dicionário de filosofia. São Paulo: Martins Fontes, 2017.
- AUDI, R. O lugar do testemunho na estrutura do conhecimento e da justificação. *Veritas*, Porto Alegre, v. 62, n. 3, p. 566-585, 2017.
- BEZERRA Jr., B. A psiquiatria e a gestão tecnológica do bem-estar. In: FREIRE FILHO, João. *Ser Feliz hoje: reflexões sobre o imperativo da felicidade*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010, p. 117-135.
- BIERNATH, André. A depressão pelos olhos de quem teve a doença. *Veja Saúde*. 27 jul. 2017. Bem-estar. Disponível em: <https://saude.abril.com.br/bem-estar/a-depressao-pelos-olhos-de-quem-teve-a-doenca/>. Acesso em: 31 ago. 2024.
- BOLTANSKI, L. *Distant Suffering: Morality, Media and Politics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
- BOM DIA, tristeza: atacados pela depressão, homens não entendem que estão doentes, resistem ao tratamento e apelam para a bebida e violência. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, ano 78, n. 25.414, 1 nov. 1998. *Caderno Revista da Folha*.
- BOUER, J. Psiquiatras e psicólogos não são para loucos. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 13 out. 2004. *Sexo e Saúde*. *Folhateen*. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/folhatee/fm1310200317.htm>. Acesso em: 1 set. 2024.

- BRUCK, M.; MORAIS, J.; OLIVEIRA, M. Testemunhas e testemunhos do contemporâneo. Belo Horizonte: PUC-MG, 2019.
- CAVERSAN, L. Juntos na solidão. Folha de S.Paulo, São Paulo, 2 out. 2004. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/folha/pensata/luizcaversan/ult513u383283.shtml>. Acesso em: 13 mar. 2023.
- CAVERSAN, L. Depressão e suicídio. Folha de S.Paulo, São Paulo, 27 mar. 2004. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/luizcaversan/383252-pde-pressao-e-suicidiop.shtml>. Acesso em: 13 mar. 2023.
- CAVERSAN, L. A depressão de cada um. Folha de S.Paulo, São Paulo, 28 fev. 2004. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/luizcaversan/383246-pa-depressao-de-cada-ump.shtml>. Acesso em: 13 mar. 2023.
- CAVERSAN, L. Depressão e carnaval. Folha de S.Paulo, São Paulo, 21 fev. 2004. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/luizcaversan/383245-pde-pressao-e-carnavalp.shtml>. Acesso em: 13 mar. 2023.
- CRARY, J. Técnicas do observador: visão e modernidade no século XIX. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.
- DELEUZE, G. Nietzsche e a filosofia. São Paulo: Editora n-1, 2018.
- DEPOIS da decadência. Folha de S.Paulo, São Paulo, ano 75, n. 24.280, 24 set. 1995. Caderno Revista da Folha.
- DETIENNE, M. Mestres da verdade na Grécia arcaica. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.
- HIDAS, D. Depressão de jornalista foi diagnosticada após 30 anos. Folha de S.Paulo, São Paulo, 4 set. 2003. Depoimento. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/equilibrio/eq0409200312.htm>. Acesso em: 15 mar. 2023.
- FOUCAULT, M. Malfazer, dizer a verdade. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2018.
- FOUCAULT, M. As Palavras e as Coisas: uma arqueologia das ciências humanas. São Paulo: Martins Fontes, 2016a.
- FOUCAULT, M. Subjetividade e Verdade. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2016b.
- FOUCAULT, M. A Ordem do Discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo: Edições Loyola, 2014a.
- FOUCAULT, M. Aulas sobre a vontade de saber. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014b.
- FOUCAULT, M. Do Governo dos Vivos. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014c.
- FOUCAULT, M. A Verdade e as Formas Jurídicas. Rio de Janeiro: Nau, 2013.
- FOUCAULT, M. Ditos e Escritos V: Ética, Sexualidade e Política. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010a.
- FOUCAULT, M. A Hermenêutica do Sujeito. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010b.
- FOUCAULT, M. História da Sexualidade: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 2010c.
- FOUCAULT, M. Nietzsche, a Genealogia e a História. In: FOUCAULT, M. Ditos e escritos II: arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.
- FREIRE FILHO, J. O poder em si mesmo: jornalismo de autoajuda e a construção da autoestima. Revista FAMECOS, Porto Alegre, v. 18, n. 3, p. 717-745, 2011. <https://doi.org/10.15448/1980-3729.2011.3.10379>.
- FROSH, P. Telling Presences: Witnessing, Mass Media, and the Imagined Lives of Strangers. In: FROSH, Paul; PINCHEVSKI, Amit (org.). Media witnessing. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2009. p. 49-72.
- HESSEL, D.; CEZIMBRA, M.; MARINHO, A. Psicóticos unidos: organização de autoajuda para doentes mentais questionam o poder dos médicos. O Globo, Rio de Janeiro, 14 set. 1997. Caderno Jornal da Família.
- LAGE, L. O testemunho do sofrimento como problema para as narrativas jornalísticas. Revista Contracampo, [s. l.], v. 27, n. 2, p. 71-88, 2013.
- PERES, A. O que resta dos fatos: testemunho e guinada afetiva no jornalismo. 2017. 180 f. Tese. (Doutorado em Comunicação) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Arte e Comunicação Social, Rio de Janeiro, 2017.
- PIERON, Jean-Philippe. Transmissão: uma filosofia do testemunho. São Paulo: Loyola, 2010.
- PINHEIRO, B. Depressão, testemunho e subjetividade: relatos autobiográficos de indivíduos classificados como depressivos na internet. 2019. 150f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.
- REZENDE, A; BIANCHET, S. Dicionário do Latim essencial. São Paulo: Autêntica, 2010.
- ROBERTS, E.; PASTOR, B. Diccionario etimológico indo-europeo de la lengua española. Madri: Alianza, 1996.
- ROMANHOLLI, L. A busca do equilíbrio: lutando contra a depressão, Renato Russo faz balanço e prepara novo disco da Legião. O Globo, Rio de Janeiro, 18 dez. 1995. Segundo Caderno.
- ROSE, N. A política da própria vida: biomedicina, poder e subjetividade no século XXI. São Paulo: Paulus, 2013.
- ROSE, N. Inventando nossos Selves: psicologia, poder e subjetividade. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.
- SACRAMENTO, I. O espetáculo do trauma: narrativas testemunhais de celebridades sobre o bullying num programa de TV. Contracampo, Niterói, v. 35, n. 2, p. 157-182, ago./nov., 2016.
- SAINT CLAIR, E. A depressão como atualidade midiática no Brasil contemporâneo: fazendo o arquivo falar (1970-2010). 2012. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.
- SARTORI, C. A autoridade epistêmica do testemunho. Veritas, Porto Alegre, v. 60, n. 3, p. 447-459, 2015.

SANCHOTENE, N; VAZ, P. Mídia e disputas epistêmicas contemporâneas: a segunda crise da representação. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 32., 2023, São Paulo. Anais [...] Campinas: Galoá, 2023. Disponível em: <https://proceedings.science/compos/compos-2023/trabalhos/midia-e-disputas-epistemicas-contemporaneas-a-segunda-crise-da-representacao?lang=pt-br>. Acesso em: 24 jul. 2023.

SERELLE, Márcio. Jornalismo e guinada subjetiva. Revista de Estudos em jornalismo e mídia, Florianópolis, ano 6, n. 2, p. 33-44, 2009.

STYRON, William. William Styron: o autor de "A escolha de Sofia" narra sua descida aos infernos em um novo livro, "perto das trevas. Entrevista. Folha de S.Paulo, São Paulo, 14 dez. 1991. Caderno Letras.

TESTEMUNHO. In: Michaelis. Dicionário de Língua Portuguesa. São Paulo: Editora Melhoramento, 2023. <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/testemunho>. Acesso em: mar 2023.

TRATAMENTO melhora depressão e afetividade. Folha de S.Paulo, São Paulo, ano 78, n. 25358, 6 set. 1998. Caderno São Paulo.

VAZ, Paulo; SANCHOTENE, Nicole; SANTOS, Amanda. Da salvação pela fé à cura pela autoestima: as origens religiosas do testemunho de vítima. Galáxia, [s. l.], n. 46, p. 1-22, 2021.

VERNANT, Jean-Pierre; VIDAL-NAQUET, Pierre. Mito e tragédia na Grécia antiga. São Paulo: Perspectiva, 2014.

Augusto Bozz

Doutor em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), no Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Professor contratado da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), em Tangará da Serra, MT, Brasil. Bolsista de Apoio à Difusão de Conhecimento Científico (ADC-B1) pelo CNPq.

João Freire Filho

Doutor em Literatura Brasileira pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), no Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Professor associado da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), no Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Bolsista de produtividade em pesquisa do CNPq (PQ-1D).

Endereço para correspondência

Augusto Bozz; João Freire Filho

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Secretaria de Ensino de Pós-Graduação da Escola de Comunicação

Av. Pasteur, 250 – fds

Urca, 22290-240

Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados pela SK Revisões Acadêmicas e submetidos para validação do(s) autor(es) antes da publicação.